



Trecho entre Juína e Aripuanã, de 240 km, levou seis horas para ser cumprido em estradas precárias.

A nova fronteira da pecuária amazônica

DBO acompanhou Acrimat em Ação, que mapeou o potencial do extremo noroeste do MT.

ARIOSTO MESQUITA,
de Cotriguaçu, MT

Carência de informação, baixo nível tecnológico, um rebanho significativo de mais de 4 milhões de cabeças, e potencial para se consolidar como um dos grandes “berçários” da pecuária brasileira. Por enquanto, porém, só potencial, pois a região ainda é quase inóspita. As sedes dos municípios são separadas por longas estradas, a maioria em condições precárias. Sem chuvas, há muita poeira. Quando a água cai, as vicinias se enchem de atoleiros, problemático obstáculo para os inúmeros caminhões boiadeiros, que chegam a levar dias para percorrer apenas 200 quilômetros.

O extremo noroeste de Mato Grosso, próximo às divisas com Amazonas e Rondônia, é assim: carregado de oportunidades, mas também de dificuldades e limitações. Por dez dias a reportagem de **DBO** visitou campos e florestas dos vales dos Rios Arinos e Juruena, acompanhando a sexta edição da expedição Acrimat em Ação, iniciativa da Associação dos Criadores de Mato Grosso, e o maior projeto itinerante de troca de informações da pecuária do Estado.

O grupo percorreu, nesse período, quase 2 mil km, na chamada Rota 3, de um total de quatro rotas. Nove

municípios foram visitados, boa parte do tempo em comboios, cortando as estradas amazônicas. Além do noroeste, o Acrimat em Ação visitou também o médio norte/norte; o Vale do Araguaia e o Pantanal/sudoeste. A jornada teve início em 15 de março, em Araputanga, e se encerrou em 25 de maio, em São José dos Quatro Marcos.

Em cada um dos 39 municípios visitados nas quatro rotas, a Acrimat reuniu pecuaristas para prestar contas de seu trabalho e apresentar um painel técnico que pudesse levar conhecimento e estimular o trabalho dos produtores. “A pedido do público em 2015, para este ano o tema foi pastagens. Para isso, convidamos o pesquisador da Embrapa Gado de Corte Armino Neivo Kichel, que fez apresentações em toda a expedição”, diz o diretor executivo da Acrimat, Francisco de Sales Manzi.

O projeto também estabelece uma via de mão dupla no fluxo de informações. Nas reuniões, aplicaram-se questionários que permitem à Acrimat fazer a atualização dos dados de mapeamento da pecuária do Estado. A edição de 2016 bateu recordes de público, reunindo 2.020 pessoas ante 1.648 em 2014, o maior até então, conforme os questionários respondidos, agora em avaliação pelo Instituto Mato-Grossense de Economia



Equipe de técnicos que participaram da Rota 3, de um total de 4 rotas, do Acrimat em Ação.



Kichel, da Embrapa, foi o palestrante convidado este ano, que bateu recorde de público.

Agropecuária (Imea). Os resultados deste mapeamento serão divulgados no segundo semestre.

A região noroeste, em especial, é considerada estratégica. Números fechados em 2015 indicam que em 2,82 milhões de hectares de pastagens estão distribuídos 4,01 milhões de bovinos, que representam 13,7% dos 29,25 milhões de cabeças do rebanho do Estado, conforme dados do Ideia/2015. A produção de bezerras reina absoluta. Esta é a atividade, única ou conjunta, de 458 dos 574 pecuaristas que indicaram seu sistema de produção ao responderem o questionário no ano passado: cria e recria (318 produtores); cria e engorda (14) e ciclo completo (126). Exclusivamente na cria estão 205 propriedades (35,7%).

A Acrimat entende a região como de alto potencial pecuário. No entanto, alguns números indicam ser ela a que menos emprega tecnologia. Na expedição de 2015, 48,2% dos produtores mato-grossenses afirmaram fazer suplementação alimentar para categorias animais que não sejam de engorda. O noroeste teve o menor índice: 38,1%. Dos 506 pecuaristas que responderam à questão, apenas 193 disseram "sim".

O sinal positivo, porém, vem do ânimo em evoluir. Em 2015, 89,5% dos produtores da região disseram ter feito algum tipo de investimento na atividade pecuária nos últimos cinco anos. Neste grupo estão pequenos, médios e grandes proprietários.

É o caso, por exemplo, de Aldo Rezende Teles, pecuarista e dono da Fazenda Nove de Julho, em Brasnorte (627 km da capital, Cuiabá), no Vale do Rio Arinos. Assim como a maioria absoluta de seus colegas na região, ele não adota sistema de pastejo rotacionado nos moldes do Cerrado brasileiro, mas pensa em fazê-lo. "Quero parar de girar pastos grandes para trabalhar com piquetes em áreas menores. Nós estamos em uma fase de mudanças. Há quatro anos começamos a integração lavoura-pecuária (ILP) por necessidade. A fazenda sempre trabalhava com uma superpopulação

de animais e os pastos estavam se deteriorando. Hoje melhoramos um pouco este quadro e já produzimos arroz, soja, milho e, eventualmente, feno", conta.

A propriedade de Teles tem 17.300 ha, sendo 8.800 ha de floresta nativa e 8.500 ha de pastagem, destes, 1.100 ha em ILP, que abrigam um rebanho médio de 14 mil cabeças, o equivalente a 0,86 unidade animal por hectare (UA/ha). "Este índice é baixo e nossa meta é dobrá-lo em três anos", avisa. Mesmo assim, a sua taxa de lotação está ligeiramente acima da média da região que, segundo a Acrimat, é de 0,74 UA/ha.

Teles comprou suas primeiras terras (75 ha) nos anos 1970, em Goiás. A pecuária permitiu que ele multiplicasse seus imóveis rurais, sobretudo depois que apostou no noroeste do MT. "Hoje temos 22.300 ha distribuídos em quatro propriedades, todas no Mato Grosso", revela.

Apesar disso, assume que não controla números e que, por isso, não tem ideia de seu custo de produção (situação da quase totalidade dos produtores da região): "Após 44 anos de trabalho na pecuária, ainda não entrei em computador e passo dificuldades com celular. Como a gente sempre multiplicou o que fez, eu relevo um pouco as contas, mas sei que o trabalho está dando resultado".

Na visita à fazenda, a equipe da Acrimat em Ação foi ver de perto a distribuição e a qualidade dos pastos, das variedades massai, ruziziensis e braquiarião. O pesquisador da Embrapa Armino Kichel aproveitou para fazer algumas recomendações, sobretudo em relação ao momento correto de entrada e saída de animais da área de pastejo e com relação aos riscos de permitir que o capim dê sementes, pois isso afeta, dentre outras coisas, a formação uniforme do pasto.

Morte do braquiarião

Apesar de relatos desde 1994 na Amazônia, a chamada síndrome da morte do braquiarião se tornou um problema crítico apenas de quatro anos para cá, garantem os pecuaristas da região. E soluções nem sempre



Francisco Manzi, diretor da Acrimat, atendeu a pedido do público, que quis pastagens com tema.



Aldo Teles pretende adotar sistema rotacionado para melhorar qualidade dos pastos



Propriedade de Agnaldo Silva, em Colniza, MT, mantém pastos em boas condições e recebeu elogios do pesquisador da Embrapa

adequadas ainda são costumeiramente adotadas. Na Fazenda Bom Sucesso, em Juara (a 634 km de Cuiabá), o proprietário, Jorge Mariano, tentou conter o problema utilizando o que ele batizou de “remendo”. Plantou capim xaraés nas partes destruídas pela síndrome, na tentativa de compor o pasto com o restante do braquiarião. Não deu certo. A área ficou totalmente irregular. Sob pastejo, o capim mais novo foi o escolhido pelos animais, que abandonaram o braquiarião.

Mariano é criador. Em 1.680 ha de pastagem ele produz bezerros Nelore e animais produtos de cruzamento com IATF das raças Nelore x Angus – um protocolo, mais o repasse com touro Nelore – e garante obter um índice de prenhez superior a 90%. A experiência de “re-



Raphael Nogueira tem como prioridade consolidar a propriedade

mento” foi executada em uma mancha de 4,8 ha dentro de um pasto de 30,2 ha. “Como a área era pequena, fiquei com dó de fazer o pasto todo”, admite o pecuarista, que atualmente preside o Sindicato Rural de Juara, município que contabiliza um rebanho bovino e bubalino de 945.800 cabeças distribuídas em 1.711 propriedades (Indea/2015).

O pesquisador da Embrapa Armino Kichel viu de perto como ficou a área e fez um alerta: “Vimos claramente que não funcionou. Pode ser feito um remendo em um canto de área com o mesmo capim, mas como o braquiarião está morrendo, não pode ser ele. Minha sugestão é voltar com piatã, xaraés ou massai, sempre consorciado com a braquiária *dictyonera* com uma observação: misturou pasto, tem de rotacionar”.

A Embrapa Agrossilvipastoril, em Sinop, MT, calcula que dos 25,8 milhões de hectares ocupados por plantas forrageiras no Mato Grosso, pelo menos 2 milhões apresentam atualmente algum tipo de “mortalidade”. A Acrimat, por sua vez, estima que 80% das pastagens na região (sobretudo no extremo noroeste) ainda estejam formadas com braquiarião.

Ataque de onças

Apesar de não ser um problema de alto impacto para a atividade, os pecuaristas também lamentam as perdas constantes de animais, sobretudo bezerros, para as onças que circulam entre pastos e florestas. O próprio Mariano contabiliza prejuízos na Fazenda Cachoeirinha, outra propriedade sua, também em Juara, distante 11 km da Fazenda Bom Sucesso: “Lá, chego a perder um bezerro por semana e não há muito que fazer”.

Também em Juara, o criador Luiz Fernando Amado Conte já chegou a perder 35 bezerros em um só ano em sua Fazenda Estrela do Sangue. O número representa 5% de sua produção de cria anual: 700 animais. “As onças parda, pintada e preta me levam, em média, 10 bezerros por ano”, diz.

O Vale do Juruena é uma das mais recentes fronteiras da pecuária do Estado. “Até 1995, a principal ocupação econômica era a extração de madeira. Somente de 20 anos para cá é que os produtores começaram a formar pastos. A prioridade ainda é estabelecer a propriedade e não instalar mais estruturas ou apostar em novas tecnologias”, avisa o representante da Acrimat para o noroeste do MT, Raphael Nogueira.

Nesta situação, estariam propriedades nos municípios de Aripuanã, Rondolândia, Castanheira, Colniza, Cotriguaçu, Juína e Juruena. A carência de indústrias processadoras e as estradas precárias são, segundo ele, os principais gargalos para a expansão da atividade. A região tem só um frigorífico, em Juína. A partir de Aripuanã, por exemplo, são 240 km, sendo 210 km de terra e em precárias condições. “Em época de chuvas, já ocorreu de caminhões boiadeiros levarem até nove dias para percorrer o trecho”, revela Nogueira.

Em alguns municípios, fica evidente a predominância de pequenos produtores. “A grande maioria possui

Programa é referência para a Acrimat

Com quase 50 anos de história, a Acrimat, fundada em 1970, tem hoje no projeto “Acrimat em Ação” o seu principal programa de relacionamento e serviço para o pecuarista. Até 2007, seu raio de cobertura se restringia à Baixada Cuiabana. “Basicamente se resumia a realizar a Exposição Agropecuária de Cuiabá”, conta o atual superintendente, Francisco (Chico) de Sales Manzi. Em 2007, Mato Grosso criou o Fundo de Apoio à Bovinocultura de Corte (Fabov) e a Acrimat começou a mudar. “O produtor contribui hoje com R\$ 1,56 por animal abatido. Dessa forma, a Associação interiorizou seu trabalho e passou a representar o pecuarista no Estado, no Brasil e até no exterior”, explica.

Nas cinco últimas edições, o “Acrimat em Ação” reuniu um público de 6.894 pessoas em seus painéis e workshops. O número equivale ao total de questionários respondidos que mapeiam anualmente a pecuária do MT e municiam os bancos de dados do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea). Apesar de ser difícil dimensionar os resultados práticos no campo, a Acrimat acredita ter colaborado com a complementação, mesmo que ainda pequena, de alguns dados da pecuária do Mato Grosso. Um deles é a produção média de arroba por hectare (@/ha) que saiu de 2,15 para 3,63 @/ha entre 2004 e 2014 (Imea/IBGE).

Produção ■■■

até 300 cabeças de gado, desconhece o que é taxa de lotação, produção de arroba por hectare e pasto rotacionado. Apenas 5% devem trabalhar hoje com estação de monta”, revela.

No entanto, mesmo com todas as dificuldades, ele acredita que a região deve se consolidar como o principal berço da pecuária mato-grossense e um dos mais significativos do Brasil. “O perfil delineado é de criadores de animais de corte e produtores de leite”, afirma.

Grande em eficiência

Mas ser pequeno não é sinônimo de ineficiência. Nascido em Mundo Novo, no Mato Grosso do Sul, criado em Brasileia, no Acre, e há quase 20 anos instalado em Colniza, MT, Agnaldo Silvério da Silva é exemplo disso. Trabalhou na extração de madeira por vários anos, cortando toras com motosserras e puxando madeira no meio da floresta. Economizou dinheiro durante seis anos e há 12 anos pagou R\$ 60.000 na compra de 50,4 ha de terra. “Hoje esta mesma área vale R\$ 525.000”, garante.

Atualmente, aos 38 anos, ele é dono das estâncias conjugadas Pica-Pau I e II, com pouco mais de 100 ha, sendo 85 ha de pasto (xaraés e mombaça, em sua

maioria), trabalhando com cria, mas também usando de estratégia para compra e venda de animais. “O animal chega e sai logo em seguida. Alguns ficam só 60 dias para ganhar corpo. O certo era que eles recebessem até três arrobas, mas em função do nosso manejo, que não é muito correto, o ganho fica em duas arrobas”, admite. Seu rebanho médio é de 300 animais.

Ao visitar as duas propriedades, Armindo Kichel, da Embrapa, fez questão de cumprimentar o produtor. “O Agnaldo é um pequeno pecuarista muito eficiente. Ele dá um giro de 200 animais a cada dois meses. No entra-e-sai são mais de mil animais por ano. Assim, ganha duas arrobas gastando uma. Quando vai embora, cada um desses animais deixa no bolso dele, no mínimo, R\$ 100. Ele fatura aqui pelo menos R\$ 150.000 líquidos por ano”, calcula. Animado, o pesquisador da Embrapa se vira para a reportagem e comenta: “Pode colocar aí na **DBO**: a expedição da Acrimat encontrou na Amazônia uma propriedade com 85 ha de pasto que pode estar faturando até R\$ 1.500/ha/ano, sem adubação, sem grandes investimentos e apenas com uma boa estrutura”.



**Agnaldo
Silvério
fatura
R\$ 1.500/ha
por ano em
85 ha, sem
grandes
investimentos.**